

Please slide right for ENGLISH VERSION

05.11.22 —
05.03.23



TAMARA ALVES

A Vigília das Feras
The Watch Of The Beasts

C A S A D A C E R C A

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre

CMA —
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA

A Vigília das Feras

Escuta,

Eles não nos vêem, mas nós sim

Somos feitas para esta terra

Despedaçadas pelos animais que trazemos
dentro da carne

Rostos por baixo dos nossos rostos

Os lobos respondem

Bichos de dentro dos nossos ventres,

Eles não nos vêem, mas nós sim.

Tamara Alves

Tamara Alves (Portimão, 1983) tem vindo a criar uma obra centrada em figuras femininas que põem em causa o conceito de feminilidade. Os seus retratos, e em especial nesta nova série de trabalho que aqui apresenta, ensaiam a ideia de recusa: recusa de definição do que é uma mulher; recusa de fixação de uma subjetividade, de uma imagem; recusa em aceitar que a tentativa de definir uma identidade é sinónima do conceito de retrato. Assim, este grupo de desenhos fala-nos da ausência, da impossibilidade de fixar uma alma, da negação da posse e do desejo racional e ocidental de classificar, definir, engavetar.

Durante séculos os retratos de mulheres eram maioritariamente realizados por homens. Esta realidade manteve-se até há muito pouco tempo. Aqui, uma mulher retrata mulheres. Baseia-se em amigas, mas acabam por não representar nenhuma em particular. Normalmente, Tamara pinta-as em escalas monumentais, em empenas de prédios, muros abandonados da cidade. Assume nestes retratos, as figuras de mulheres em comunhão com a natureza. Mulheres guerreiras que protegem a cidade. Desta vez apropria-se da parede de um centro de arte. A escala é mais íntima e, por isso, mais experimental.

Nas últimas décadas, a teoria pós-moderna feminista tem vindo a questionar o conceito de identidade defendendo que esta não é algo inerente a cada pessoa, nem sequer uma questão de escolha pessoal, que é uma construção social. Judith Butler sugere mesmo que a identidade,

e a ideia da existência de um 'eu' verdadeiro, é sempre uma performance. Ao ser questionado sobre onde estava o verdadeiro Warhol debaixo de todas as camadas de maquilhagem, roupas e performances, o artista respondia que não existia um verdadeiro Warhol, tudo era superfície. Diria que com Tamara Alves a atitude é exatamente a oposta. As superfícies são simultaneamente um lugar de entrada, e de distanciamento. De qualquer forma, não é aí que encontramos a subjetividade destas mulheres. Pressentimos a sua rebeldia e a sua profundidade, mas o acesso para mergulhar nelas é nos vedado.

No catálogo da exposição "Do Tirar Pelo Natural" sobre o retrato em Portugal, Paulo Pires do Vale escreve "o retrato dirige-se-nos, mesmo mudo – e talvez ainda mais por esse silêncio denso. Chama, convoca, interpela. Oferece e oferece-se, de olhos como mãos estendidas. Partilha connosco um lugar-comum, um mesmo tempo, uma estranha pertença mútua, o reconhecimento de uma qualquer igualdade, de algo partilhado por detrás de todas as diferenças e particularidades individuais". É isto que Tamara Alves consegue com os seus retratos, convocar-nos, a nós espetadores, para um outro espaço e tempo. Ao entrarmos na Galeria do Pátio, saímos momentaneamente da Casa da Cerca, e encontramos-nos com esta mulher que nos fita de frente e com o veado que a acompanha. Há algo quase espiritual neste encontro, um outro paradigma relacional, uma possibilidade de existência harmoniosa que nos afasta dos desastres ecológicos (e humanos) que assistimos diariamente. Talvez por isso, esta exposição seja sobre a utopia e a esperança. Poderíamos evocar as teorias do ecofeminismo que propõem um espaço de fluidez entre o natural e o feminino, uma continuidade entre humano e mais-que-humano, abolindo a divisão homem/natureza.

Se em series anteriores, Tamara Alves rasgava o papel, num ato violento de destabilização da imagem, aqui as suas personagens estão inacabadas – camufladas, diz a artista-, como se estivessem por detrás da folha de papel e só com a passagem da tinta da china é que as formas conseguem emergir (temporariamente) para a superfície da folha. Como se estas figuras, estas mulheres, estivessem desde sempre por debaixo da pele do papel. Poderemos talvez pensar destas obras nas paredes da Casa da Cerca não é uma exposição, mas antes uma vigília coletiva para permitir que cada figura saia das profundezas do papel.

The Watch of the Beasts

Listen,

They don't see us, but we do

We are made for this earth

Torn apart by the beasts we carry inside our
flesh

Faces beneath our faces

The wolves answer

Beasts from within our wombs

They don't see us, but we do.

Tamara Alves

Tamara Alves (Portimão, 1983) has been creating work centred on female figures that question the concept of femininity. Her portraits, and especially this new series of work that she presents here, rehearse the idea of refusal: refusal to define what a woman is; refusal to fix a subjectivity, an image; refusal to accept that the attempt to define an identity is synonymous with the concept of portrait. Thus, this group of drawings speak to us of absence, of the impossibility of fixing a soul, of the denial of possession and of the rational, Western desire to classify, to define, to engulf.

For centuries, portraits of women were mostly done by men. This reality remained true until very recently. Here, a woman portrays women. It is based on female friends, but they end up representing no one in particular. Usually, Tamara paints them on monumental scales, on the gables of buildings, abandoned city walls. She assumes in these portraits, the figures of women in communion with nature. Warrior women who protect the city. This time she appropriates the wall of an art center. The scale is more intimate and more experimental.

In recent decades, postmodern feminist theory has questioned the concept of identity, arguing that it is not something inherent in each person, nor even a matter of personal choice, but rather a social construction. Judith Butler even suggests that identity, and the idea of the existence of a true self, is always a performance. When asked where the real Warhol was underneath all the layers of make-up, clothes and performances, the artist would reply that

there was no real Warhol, it was all surface. I would say that with Tamara Alves the attitude is exactly the opposite. Surfaces are simultaneously a place of entry, and of distancing. In any case, it is not there that we find the subjectivity of these women. We sense their rebelliousness and their depth, but the access to dive into them is closed to us.

In the catalogue of the exhibition “Do Tirar Pelo Natural” on the portraiture in Portugal, Paulo Pires do Vale writes “the portrait addresses us, even mute - and perhaps even more so through that dense silence. It calls, summons, questions. It offers and offers itself, with eyes like outstretched hands. He shares with us a commonplace, a same time, a strange mutual belonging, the recognition of some equality, of something shared behind all the differences and individual particularities”. This is what Tamara Alves achieves with her portraits, to summon us, the spectators, to another space and time. When we enter the Galeria do Pátio, we momentarily leave Casa da Cerca, and meet this woman who stares directly at us and the deer that accompanies her. There is something almost spiritual in this encounter, another relational paradigm, a possibility of an harmonious existence that distract us from the ecological (and human) disasters we witness on a daily basis. Perhaps this is why this exhibition is about utopia and hope. We could evoke here theories of ecofeminism that propose a space of fluidity between the natural and the feminine, a continuity between human and more-than-human, abolishing the man/nature divide.

If in previous series Tamara Alves tore the paper, in a violent act of destabilization of the image, here her characters are unfinished - camouflaged, says the artist -, as if they were behind the sheet of paper and only with the passage of the china ink do the forms manage to emerge (temporarily) to the surface of the sheet. As if these figures, these

women, had always been under the skin of the paper. We may perhaps think of these works on the walls of Casa da Cerca not as an exhibition but rather as a collective vigil to allow each figure to emerge from the depths of the paper.

